



## Psiquiatra prepara novo 'Imagens do Inconsciente'

Pioneira no estudo da arte feita por doentes mentais, Nise da Silveira prepara o 2º volume sobre o assunto

LINA DE ALBUQUERQUE

RIO — Os vizinhos do estúdio da psiquiatra Nise da Silveira, instalado no andar de cima do seu apartamento no Flamengo, estavam preocupados. Eles já tinham aprendido a conviver com a movimentação intensa de Nise pelos elevadores do prédio, sempre escoltada por uma comitiva de gatos e cães. Na aquela manhã, porém, muitos tiveram certeza de que aquela figura magra de 84 anos perdera completamente a razão. O índice era um cartaz que apareceu fixado na porta: "Cuidado, boi solto". O animal, no caso, era apenas o tema de mais uma reunião promovida semanalmente pelo Grupo de Estudos C.G.Jung, que discutia as atrocidades ocorridas por ocasião da ferra do boi.

Nise da Silveira vai pregar novamente o mesmo cartaz na porta. As discussões sobre o boi já renderam um livro recém-publicado. Mas ela assegura que agora está disposta a "soltar o boi", literalmente, se alguém dissipa a sua concentração. A médica acaba de ser contemplada com uma bolsa da Fundação Vitae, no valor de 1.600 BTNS mensais, que lhe permitirá escrever o segundo volume do livro *Imagens do Inconsciente*. No primeiro volume, lançado há dez anos, se debruçou sobre as obras de artistas, encontrados no Centro Psiquiátrico Pedro II, onde ela introduziu ateliês de arte a partir de 1946.

"Agora não posso mais malandrar", brinca Nise. Ela terá apenas um ano para finalizar seu novo projeto, assessorada pelo fiel escudeiro Luiz Carlos Mello, atual diretor da seção de arquivos do Museu de Imagens do Inconsciente, onde até hoje são expostas as obras dos pacientes do hospital. "Não diga pacientes", repreende Nise. "São seres humanos que estão vivendo os 'estados do ser' e não

devem ser rotulados", diz, fazendo menção a uma expressão de Antonin Artaud, homem de teatro e poeta francês que passou grande parte de sua vida internado no Hospital Psiquiátrico de Rodez. Ela prefere chamar os "pacientes" de "hóspedes".

### PADARIA

O Museu de Imagens do Inconsciente, com a expressão de Antonin Artaud, homem de teatro e poeta francês que passou grande parte de sua vida internado no Hospital Psiquiátrico de Rodez. Ela prefere chamar os "pacientes" de "hóspedes".

O Museu de Imagens do Inconsciente, com a expressão de Antonin Artaud, homem de teatro e poeta francês que passou grande parte de sua vida internado no Hospital Psiquiátrico de Rodez. Ela prefere chamar os "pacientes" de "hóspedes".

Fernando Diniz, pintor obcecado pela figura da mandala, talvez na tentativa de reorganizar-se a partir do centro, foi um personagem bastante explorado no primeiro *Imagens do Inconsciente*. A médica irá se dedicar agora às histórias de outros "hóspedes" que ficaram de fora da edição de 1980. Em outro capítulo, ela se ocupará do poder terapêutico atribuído aos animais. O cão, na sua opinião, é um bicho de afetividade estável, que pode ajudar no tratamento de esquizofrênicos. Ela se viu diante de pessoas incapazes de organizar uma frase sequer, mas que conversavam com cachorros por meio de estruturas verbais perfeitamente lógicas. Já a natureza dos gatos, entende Nise, estimula enormemente a concentração.

### DISTINÇÃO

Nise da Silveira leva a sério a reverência aos animais. Se gosta muito de um gato, dá a ele o nome de uma pessoa querida. Se gosta muito de alguém, batiza-o com o nome de um gato amado. Assim, ao esbarrar no corredor do prédio com o vizinho de oito anos chamado Rafael, ela o saúda a: "Meu bom Rarari". Rarari era um gato es-

timado que morreu. O simples olhar de reprovação de Mafalda, outra felina que também se foi, fez com que ela rasgasse um capítulo inteiro do primeiro volume do *Imagens do Inconsciente*.

Como o gato de Eça de Queiroz — que quando jovem era chamado de José Jovim era, mas, ao envelhecer, recebeu o honroso título de "reverendo" Bonifácio — os bichanos de Nise também trocam de nomes. Dois dos seus cinco gatos já estão velhos e receberam a distinção de "mestres". Os gatos, no entanto, já lhe causaram grandes aborrecimentos. Quando quis alojá-los no Pedro II, muitos deles foram envenenados, a começar por uma batizada por ela mesma de Nise da Silveira. Antes desse episódio, a psiquiatra alagoana sempre conviveu com o estigma de "perigosa", quando estigmas, "esquisita". Após formar-se em neurologia, em 1929, resolveu morar no Hospital dos Alineados. Em 1936, no Estado Novo, foi surpreendida lendo livros de Karl Marx e trancafiada por um ano e quatro meses numa cela, a sala 4, com mulheres como Olga Benário Prestes, a judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas.

### "ANJO DURO"

Na semana passada, Nise conheceu a atriz Guida Viana, que a representou na novela *Kananga do Japão*, na TV Manchete. Guida recebeu a incumbência de personificar a psiquiatra no tempo que ela passou no presídio, época em que conheceu o escritor Graciliano Ramos. "A sala 4 é para mim uma caldeira de emoções", costuma dizer Nise. Retratar, aquele "anjo duro", na definição do psicanalista Hélio Pellegrino, buscar aquela "fisionomia", revelar inteligências e bondade", nos dizeres de Graciliano, foi para Guida uma tarefa "transformadora". Nise gostou do que viu na tevê e quis conhecer pessoalmente a atriz. Hoje Guida Viana já pretende comparecer às próximas reuniões semanais promovidas no ateliê da psiquiatra. A atriz define o encontro com Nise, lançando mão de um termo junguiano: "Foi sincronicidade pura".